SANTARENAIDA

POEMA EROI-COMICO

DE

Francisco de Paula de Figueiredo.

Dignum laude virum Musa vetut mori.
Horat. 1. 4. O. 7.

COIMBRA. Na Regia Officina Typografica. ANNO M.DCC.LXXXXII.

Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros.

ARGUMENTO.

Ouve em Coimbra um Taverneiro celebre, chamado Joze Rodrigues Santareno. Este em uma funsão que costuma fazerse pela Pascoa do Espirito Santo em Santo Antonio dos Olivais, estando muito suado pelo cansaso do caminho, fartouse de agua, com quem andava divorciado, avia largos anos, e dahi a poucos minutos caiu morto. Revestem-se estas circumstancias Poeticamente, e cantase a sua morte.

SANTARENAIDA.

CANTO I.

Pois me pedes, ó Muza, instantemente, Que emboque a Eroica tuba altisonante, Que a cego Marte impele os peitos fortes; Eu que sem forsas teu carater serio Em versos graves sustentar nao poso, Revestido da lépida Talia C'o a máscara atrevida, para ensaio

Cantarei o Varao famijerado, Que de Baco na guerra com Neptuno Arvorando do vinho os estandartes, Depois de ser trovao, ser raio acezo, Que espalhava terror no campo inteiro, Victima infausta foi por fims de contas Da vingansa cruel do Rei das aguas. Axavase em tremendo consistorio
Com toda sua Corte o undozo Jove.
Nas intimas entranhas asoprado
Pela Raiva vorás o consumia
Um fogo abrazador: erao com ele
As furias de Acheronte, e os vastos mares
Ao som de sua vós mudos tremiao.
Quando depois de longos improperios
Com que a insana paixao dezabafára,
De sima do alto solio adamantino
Que sustentao seis Doricas colunas
De maculado marmore brilhante
Com bazes de oiro, e capiteis de prata,
Esta fala do peito amargurado
Soltou com grave acento aos seus Magnates.

Sempre eu, Vasalos nobres, de máo grado, Com justa indignasaõ olhei bramando, Que ouvese sobre a terra um petulante Que ouzase de meu povo impunemente Atacar os direitos mais antigos; Pois sendo desde muito autorizadas As nosas dôces aguas para entrarem As umanas guelas, e os arcanos Dos buxos penetrar dos omems grandes, Oje a termos as vêdes reduzidas De serem so de aprêso aos brutos rudes, E a despeito de minha autoridade Condenadas (oh dor!) das esterqueiras, Das imundas alfujas, das cloacas Á baixa vergonhoza lavadura. Conterme já nao poso; este atrevido Provar do meu tridente as forsas deve. Este atrevido he Baco: eu pois pertendo Punir a sua audacia, guerrealo. Não ade este invazor protervo, e altivo Zombar ja mais de mim: torsese a verga Em quanto não he tronco: uma faisca Pasa a incendio vorás, se não se apaga. Mas vós aconselhaime, que eu nao quero Que a paixão me alucine: o fim he este Porque oje vos xamei: dos boms conselhos Quazi sempre são filhos os acertos.

Bem como de um enxame susurrante O inquieto zumbido, se ouve n'aula O confuzo rumor dos Optimátes. Escutaõse discursos encontrados, Diferentes razoins, pensar diverso. Nisto o Padre Oceano revestido De Regia Magestade se levanta, E abrazado em furôr desta arte rompe.

Qual será de vós outros, que arrojado Se atreva a sustentar nesta asembleia, Á face do seu Rei, de toda a Corte, Que a meditada guerra nao he justa? Se aqui algum está, se enfatuado Algum medir comigo as forsas tenta, A campo saia; os ultimos alentos C'os golpes da razao tirarlhe quero.

Quais mudos troncos Oceano vendo Pasmados da asembleia os membros todos, Com mais vivo calor prosegue irado.

Apague as negras axas acendidas A severa Nemézis: ja naõ devem Ser punidos os máos: ouzado tale O iniquo uzurpador o campo alheio: Perturbemse os direitos... Oh Justisa! Oh Deuzes imortais!... Eu penso, ó Padre, Que altercasao não sofre o teu projeto. Deve a guerra fazerse, a guerra he justa. Porem nao será máo, reflexiono Eu agora taõbem, que tu primeiro Vejas se a boa pás quer antes Baco Estas coizas compor, largando a pose Dos direitos que audás nos uzurpára. Por tanto uma Embaixada mandar deves Expondolhe as razoins que te estimulão; E no cazo que a pás ele nao queira A guerra se lhe intime em continente.

Asim dise, e aprazendo ao consistorio Rezolvese Neptuno, e o Tritao xama. *Tritao que de ser filho se gloria Do Rei, e da Salacia veneranda:* Mansebo tal, e qual, nem mais nem menos Como o pinta Camoins no canto seisto.

Vai tu da minha parte ao Rei dos vinhos Levar esta Embaixada, dis Neptuno; Que o dezaforo vil sendo notorio Com que da antiga pose as doces aguas Esbulhadas tem sido por seus vinhos: Que sendo esta irrupsaõ sobre dominios De mim das aguas Rei, que sempre hei sido Justo mantenedor de meus direitos; A recta observasão do jus das jentes Com vergonha infrinjida nesta parte, Exije que tao barbaras afrontas, Por melhor se atalharem fims funestos, Sejão severamente castigadas. Mas que lembrado da clemencia inata Com que as minhas asoins adornei sempre, Perdoandolhe o mais, sómente quero, Que enfreando do vinho a audacia suma, De oje em diante perturbar nao venha Tranquilidades publicas; que a escolha Em sua mão está de pás, ou guerra. Se guerra pois quizer, logo em meu nome Entaõ a ferro, e sangue lha declara.

Atento o feio Moso esteve á fala,

E cortando lijeiro as altas ondas Da grande Niza em fim surjiu na praia. Aqui tres vezes a torcida conxa, Que os gigantes na guerra amedrentára Altamente tocou: do som terrivel Feridas as montanhas se abalárão: Tremeraõ da Cidade os abitantes: E dando agudos guinxos, para os colos Das mãis os filhos pavidos fujiraõ. O nobre Fundador de susto cheio C'o a estranheza do cazo, saber manda O que he. Eis a Palacio conduzido Por entre a multidão que concorria Atonita, e turbada o Tritao chega. A Embaixada repete, e carrancudo Pela resposta taciturno aguarda. O nobre Fundador da alegre Niza Turbado um pouco esteve; mas sem medo Ao Trombeta falou desta maneira.

Ja mais no que o teu Rei oje me argúe
Eu tenho consentido, sem que um uzo,
Um costume geral das Nasoins cultas
Com razaõ m'o abone: eu não pertendo
Defraudar cada um de seus direitos.
O costume fas lei: tenha Neptuno
O mesmo a seu favor, será contente.
Nem cuide ele talvês, que seus caprixos
Me faraõ aterrar: naõ sei ser fraco.
Amease, guerreie: eu inda o mesmo
Sou, o conquistador das Indias vastas.
He verdade que a pás em muito prézo;
Porem se haõ de perderse os meus direitos,
Ou a guerra aceitar, a guerra aceito.

Com esta deciza partindo torna
O filho de Neptuno aos Thetios campos.
A seu Pai a repete; o Velho brama,
E jura pela Stigie tenebroza
Com toda sua Corte respeitavel
Fazer perpetua guerra ao Rei soberbo.
Tocar manda a rebate; a Oceano imcumbe
O governo do exercito, tentando
Os vinhos atacar em toda a parte.
Com tudo porque sabe que entre os Luzos
Do inimigo poder o centro existe,
Aqui a mira poim, aqui rezolve
Fazer primeiro arder da guerra o fogo.

CANTO II.

Com um tao importante rompimento Revolvendo mil coizas na lembransa Largos dias andou atrapalhado Da infelice Semele o imberbe filho.

A pacifica inercia deleixada Que em descanso puzera este Rei forte O tinha desprovido. O sangue seco Nas pasadas batalhas derramado Se via inda nas lansas nas espadas Ja da negra ferruje carcomidas. Tinhaõ teias de aranha os peitos d'aso, Eraõ ninhos de rato os capasetes. Mas vendo dos aprestos a manobra De seus adversarios, ganha o fogo Que pela longa pás perdido avia. Prestes pasa depois a fazer gente; O imperio se revolve, e os vinheos povos À vós de seu Senhor ás armas velaõ. Dobraõ-se sentinelas; os avizos Voando se despedem; e he precizo Ter de acordo na asaõ os mais famozos Insignes Generais em cada Reino.

Daqui, bom Santareno, de teus dias Comesou a estreitarse a larga teia. Este o principio foi, estas as cauzas Da tua nunca asás xorada perda.

Avia em Portugal um Xefe experto Na sordida Coimbra acastelado: Diziase Joze, mas poucas vezes, Oue o brado de seu nome mais notorio Da terra lhe provinha aonde os lasos De Himineu ternamente o tinhaõ prezo. Contase que saindo n'outro tempo Este novo Quixote aventureiro Pelo mundo a ganhar glorioza fama No serviso do Rei dos bravos vinhos, E querendo a uma nova Dulcinea O governo entregar de seus morgados, Ja que a Parca cruel lhe avia feito A vês primeira o tálamo dezerto; Axára em Santarem uma Matrona So digna de um Eroi, so digna dele. Na linhaje do sangue descendia D'onrados Campioins, d'Erois de pinga. Inda nos altos porticos pendentes Conservavaõ-se os ramos de loireiro Sem ter interrupsaõ por brazoins d'armas, Era ela bem talhada, o seu costado Capás era da carga mais enorme. Eraõ as suas faces dois prezuntos, Seu garbo majestozo, o paso grave. Tinha o traje mais simples, mais modesto Das modestas matronas do seu tempo. De baeta um jibaõ de longas abas Lhe cobria a bojuda umanidade. Dos grosos cotovelos lhe pendiaõ Alarves punhos de groseira estopa. Cingialhe em tres voltas ensebado O carnudo caxaso um cordaõ d'oiro, D'onde so nos Domingos pendurado

Se via um rocicler lonjevo, e vasto, Que pela antiguidade que inculcava, Nas ricas enxurradas do diluvio Se asenta ser axado *in illo tempore*.

Namorouse o Varaõ, namorouse ela. Uniraõse c'o vinculo sagrado, E sendo sua Consorte Santarena Quis taõbem Santareno apelidarse.

He pois precizo a este mandar ordems, Baco perante si fás vir Cilenio, E ufano asim lhe dis com rosto inteiro.

Eu tenho neste mundo um vasto imperio: Meu nome em toda a parte, ou mais, ou menos He venerado: mas na Luzitania Tenho o pezo maior de minhas forsas. Em Coimbra he o centro; ahi rezide O Cabo principal de meus exercitos, O insigne Santareno. Nestes termos Desta guerra he forsozo darlhe parte. Tu pois asim lhe dize: Que abalados Do sopro da Discordia os Povos Áqueos Nos tem guerra jurado, e alta vingansa: Que cumpre rezistirlhes: boms soldados Prezentar em campanha; e dar conserva Ao uzo introduzido, á grata pose De ser somente o vinho quem nas mezas A sede satisfasa; porque he esta A cauza principal de seus rancores. Que eu dele a empreza fio; que entre os Luzos Eu quero que ele só sustente a guerra. Depois um giro faze, e aos meus Soldados De toda a Luzitania que em Coimbra Axarse devaõ logo intíma as ordems.

Dise, e partiu voando o mensajeiro, Até que as pandas azas encolhendo, Das letras, e das lamas sobre a Terra Os talares pouzou bordados d'oiro.

Era dia d'Entrudo, e nas baiúcas
O sujo canjirão vazando as pipas
Aos freguezes enxia os grandes copos.
Avia um confuzisimo barulho:
Ferviao da janela as laranjadas:
Surriadas, apupos, algazarras,
Os esguixos, os pós, o rabo-leva
Tudo em dezordem poim. Vendo Cilenio
Extravagancias tais pasmado fica.
Pensa nao de Coimbra ver os montes,
Sim da fertil Beocia o grao Citéron
Retumbando medonho em noite d'Orgias.

Entao do incomparavel Santareno Na surtida taverna entre a balburda Da fumoza vinhasa ardia o fogo. Mais meia canadinha de uma parte
Caído o beiso, e os carregados olhos
A custo abrindo, c'uma vos fanhoza
Pedia um dos da corja amotinada.
D'outra parte fazendo uma carranca
Sobre tres azeitonas apostava
Outro que tal que xuparia um frasco.
Qual aos murros andava; qual seis copos
Tendo ja feito em cacos, com nos'ama
Ateimava furiozo em nao pagarlhos.
Daqui aos encontroins ums vinhao vindo
Afétando de serios; esbarravao
Comsigo nas esquinas dali outros.

Mas o Filho de Maia cautelozo Opurtuna monsão de entrar espreita. Em fim axa uma aberta, lestes rompe, Dá sinal, tem lisensa, á sala sobe, E d'ambos os Espozos poinse á face, Declaralhes quem he, de quem mandado, E da sua Embaixada o fim precizo.

Sem saber o que fasaõ, largo espaso Ficárão um e outro embasbacados. Ele indo com as mãos logo á cabesa Cosávase, e na sordida poltrona Aflito *stare loco nesciebat*: Ela está feito, la melhor compunha O seu recado. Finalmente o tempo Ja fazia dar oras ás barrigas, E devia jantarse. A Liberdade Entaõ dezempesando as linguas rudes A terreiro os tirou, e mais ouzados Entrárão a seu modo a perguntarlhe Alegres sobre Baco muitas coizas, Muitas sobre Sileno. Dos guizados Da meza o xeiro ja neste comenos Consolava os narizes circumstantes. Pedida a tao grande ospede lisensa Subito se arregasa o Santareno, E rogando o onráse, á cabeseira Da bem provida meza, instanciozo Para um pouco comer fes asentalo.

Ja no vidro dos pratos retiniaõ Resaltadas da carne as trinxadelas. (Podiaõse na gula encarnisados Ver os gordos Consortes dando aos buxos Tasalhos de prezunto tremendisimos!) Mastigando apresados resmungavaõ, E do ospede em onra mil saudes Uma apos outra sem sesar faziaõ.

Mercurio da franqueza nao pensada O fausto aparatozo em tal albergue Nao podia admirar quanto era justo, Porque alem das perguntas enfadonhas A que cortês com présa respondia, De um pouco reparar deixar nao pôde Nos vetustos paineis enfarruscados Oue adornavao em roda a estreita sala.

Em um deles se via inda no berso Entregue a Ino o pequenino Baco Tendo as Nimfas em torno, e juntamente As Hiadas, e as Horas. Logo n'outro Ja crescido plantava o bom bacelo, Ja o campo baldio agricultava. Viase mais n'um majestozo quadro O severo rigor de seus castigos. Estava de Licurgo o cazo infando; Mas ja com negra côr, ja roto o pano. Com tudo ao natural se devizava Golpeando ele mesmo as pernas suas. Aqui o filho de Echion Tebano Pela sua familia enfurecida Se via cruelmente espedasado. Ali de Meduline o parricidio, Mais abaixo Penthêo ás Furias dado. Sobre tudo a fatal metamorfoze Se admirava em leao fulvi-comado Nos gigantes cevando ávida sanha.

Mas ja baixando o Sol, surgia a Noite.
Trata Mercurio de partirse prestes;
Dos gordos Santarenos se despede,
Que falando ambos juntos, em confuzo
So deixaõ perseber, que descansado
Seu Rei pode ficar, que em quanto aos brasos
O valor asistir, naõ aõde as Aguas
Como pensaõ, levar a sua avante.
E como ja nos cascos lhes fervia
Em violentos caxoins o ardente sumo
A cabesa fazendolhes pezada
Dar c'o a barba no peito, e sobre os olhos
Carregar importuno o grave sono,
Na mal mexida cama empanturrados
Ambos foraõ jazer como dois odres.

Dormirão toda a noite os boms Alarves Rezupinos roncando a sono solto. Eis lá sobre a manhan um se espreguisa, E fazendo tres cruzes sobre a boca Enormemente aberta o outro acorda.

Saõ oras, dis o Eroi roufenhamente, Trazeime eses calsoins, daime ca a vestia. Fora c'o a noite! ha muitos tempos nunca Dormi noite pior! Tudo eraõ pulgas, Tudo sonhos, em fim tudo Diabos, Até, por mais sentir, a Mosazinha No quarto me deixou fexado o gato, Que toda a santa noite andou miando. Eu naõ persenti nada, dis Madama, Pois foi tal a quebreira, tal o sono, Que bem podiaõ arrombar as portas,

E sem que eu dése fé. Bem, pois que queres, O marido replíca, se tais sonhos Eu tive, que por mais que quis pôr olho Logo eles me espertavaõ: eu te conto. Sonhei que estava eu na nosa quinta Debaixo da nogueira ao pé da fonte Sobre a relva dormindo a minha sésta: Eis senaõ quando d'uma vala surde Correndo em torcicolos uma cobra, E me entra pela boca: aqui um pulo Dei eu, nao persebeste? Eu nao, dis ela. Pois dei um grande pulo, e depois diso Um pouco despertando, em sonolencia Fui tornando a cair. E sonhei muitas Outras grandes desgrasas que me esquesem. Tornou ela a dizer: iso he verdade Ás vezes taobem tenho tantos sonhos. Que me fazem doer bem a cabêsa. Porem vaite vestindo, anda deprésa Se queres almosar, que ja he tempo.

Tais réplicas, e tréplicas pasadas Em fim a muito custo pos se fora, E na larga cadeira escarranxado Asim dezalojando, á Mulher dise.

Ora sabes mui bem, Consorte amada,
O onrado avizo que tivemos ontem.
O noso Imperador axase aflito
C'o a guerra declarada por Neptuno.
Eu sou um de seus xefes; e a minh'alma
Aspira a coizas grandes. Desta sorte
Na dansa estou metido: vou agora
As ordems expedir que sao precizas,
Fazer gente com forsa: paciencia!
Nós para trabalhar nascemos todos.
Dáme cá qualquer coiza; um lombo bonda
Bastao dois pains, duas canadas bastao.

Fes-se bem como um Padre, e muito fresco Saiu a averiguar os seus negocios.

CANTO III.

Neste tempo no imperio de Neptuno Ja com todo o calor fervia a obra. Os fortes Generais debaixo d'armas Ja tinhaõ toda a jente, e á Luzitania Os vastos esquadroins marxando vinhaõ. Aqui de remotisimos Paízes, De diversas Nasoins, diversas linguas Vinhaõ mandando Capitains diversos, Aqui vinhaõ Varoins destes pixozos A quem tudo lhe fede, e que somente, Por cauza das corrutas baforadas,

C'o vinho em odio eterno andáraõ sempre, Aqui de mal Francês, e de almorreimas Um sem numero vinha de axacados: Não faltando dos cálidos a turba A quem fizera sempre o vinho empôlas. Era em tres batalhoins formada a Tropa, Guiava um batalhaõ Periclimeno¹ Arrogante, e temido: outro Achelóo,² E o terceiro puxava á retaguarda O velho Espozo da cerulea Doris.³ Aqui vinha Protêo dos grandes Focas⁴ Regendo a tremendisima caterva. Talhando as curvas ondas na vanguarda Iao nadando cem Tritoins desformes Fazendo rebombar os buzios grandes. E o Padre Oceano comandante Supremo deste exercito temivel Girava dando as ordems amontado N'uma negra baleia monstruoza.

Xegárao do aureo Tejo em fim ás marjems, Mas antes que o exercito alojase, Desta nova xegada em tom de guerra Lhe forao dois Trombetas a dar parte.

No centro d'uma gruta penhascoza, Cujas ricas paredes eraõ d'oiro, E branca madrepérola ondeante, Sentado sobre a urna, respeitavel C'o tridente na mão, e c'uma c'roa De verdes limos na rugoza fronte A embaixada resebe o Padre Tejo. Quando asim dos Trombetas um comesa.

Ja, Padre venerando, aos teus ouvidos Xegaria talvês a novidade Da guerra que entre nós, e o Rei dos vinhos Pouco ha se declarou. Não me pertense Os motivos da asão esmiunsarte: Tão somente a dizerte sou mandado, Que para dar principio á grande empreza Para esta Capital do imperio Luzo Das Tropas Oceano á testa marxa. Deves pois vir falarlhe; que eu asento Que tem primeiro aqui seu bico d'obra.

Subia pelo rosto ao velho Tejo Ao tempo desta fala uma alegria, Que ja mais asomára ao seu semblante. Levantase, o Palacio se alvorósa, E para ir esperar tao grande xefe As mais galhardas Nimfas a si xama.

Duzentas niveas, engrasadas Naides De lindos olhos, que em prazer trasbordaõ, Solto o negro cabelo gotejante Presto ali se aprezentaõ caprixozas. Ao carro sóbe o Tejo, ao carro d'oiro Que guapos, e das muito-abertas ventas Brotando soberboins torrentes d'agua, Seis cavalos marinhos vao tirando. Em malhados golfinhos brincadores Asentadas as Naiades o cercao. O mar fas-se banzeiro, e longa esteira Mansamente deixando a turba marxa.

Xegados que os dois Reis á fala foraõ O Tejo rompe asim: Princepe excelso, Se um pobre feudatario, bem que indigno, Qual eu sou, gozar pode a onra eximia De darte albergaria em seu palacio, As demoras desprende, e á minha gruta Dignase vir a descansar um pouco, Aonde a noso comodo sentados Da sorte dos Imperios trataremos.

Oceano aseitou condescendente Do Padre Tejo a simples rogativa, E acolhendose á gruta majestoza,

Indignado meu Pai, dise Oceano, Pela iniqua extorsão de seus direitos, Que dos vinhos o Rei dezaforado Das jentes com escândalo lhe ha feito, Intenta guerrealo. Ele em pesoa Viria á expedisão, se de seus anos O pezo desta glória o nao priváse. Por tanto eu me incumbi das suas vezes: E como de sua Corte na asembleia Para isto convocada se asentase, Que o comêso em teu Reino ser devia, Visto que o General dos inimigos Em Coimbra rezide; pareseume, Por levarmos as coizas com mais ordem. Que nesta Capital sem perder tempo A primeira faxina se fizese: Depois, de meu poder com todo o pezo Em Coimbra caísemos. Aprouve Ao Tejo este discurso; e entao tratárao De mais ponderasaõ quantos negocios Para aquele respeito mais tendiaõ, São xamados os Cabos a conselho, E com acordo unânime se adía A seguinte manhan para o combate.

He contra um grande Cabo que se devem Tomar as armas: nao he Jan Fernandes, Nem Manel das Atacas o inimigo: He contra o fasanhozo Talaveiras⁵ Tortulho enorme de invejada fama, Do vinho na milicia experto, e vasto.

Tanto que alvoreseu, logo no campo As trombetas orrísonas bramáraõ; Cujo som de mistura c'o alarido,

E roucos atabales largo espaso Os muros fes tremer, e a gran Cidade Soberba fundasão do Grego errante. Ja promto o Talaveiras aguardava De Cilenio o preseito a pôr por obra. Na frente de seus bebados soldados Corajozo se avansa: róxa altiva Que as vagas sem pavor mujindo escuta. Marxando vão as filas a compaso, E d'uma, e d'outra parte embravecido O gradivo Mavorte asende os peitos. As caixas daõ final, travase a guerra; De poeira uma nuve os ares turba; Levantase um clamor mais tezamente; Redobraõse as pancadas, corre o sangue... Nada ha mais lamentavel que uma guerra!

Foi renhida a peleja: longas oras
Pendeu a decizaõ n'ambas as partes.
Finalmente naõ sei que infausto cazo
Pôs dos vinhos o exercito em dezordem,
Que naõ pôde aguentar sobre seus brasos
Dos aquozos dragoins o carregume.
Perdem todos a côr, as armas largaõ.
(Entradas de leaõ, saídas d'asno!)
Cae aqui, cae ali, ums sobre os outros
Vaõ indo aos trambolhoins. O Talaveiras
Reunilos intenta, mas de balde.
He de balde bradar: diques naõ sofre
Torrente por pavor precipitada.

No campo ficou so inteiro e forte. O golpe universal caíu sobre ele. Das setas, e das lansas acravado Parecia um pinhal o grande escudo. Nimguem ouzou xegarlhe, que da terra Naõ fizese vermelha a superfice.

E que mais fês d'Olimpias o esforsado Filho, o devastador do mundo invicto, Junto ao tronco, dos seus destituido, Quando o muro saltou dos Oxidracas?

Mas a Morte d'Erois sempre avarenta Metida n'uma bala fulminante As pernas lhe atravesa, e despedasa. Acurva a grosa máquina tremendo, E em terra baqueando he maxucada Do violento tropel dos inimigos. C'o este lanse *vitoria* o Tejo brada: Vitoria, respondeu a xusma ovante, Vitoria pelas aguas, viva, viva.

¹ Periclimeno: Neto de Neptuno, de quem recebeu o poder de se metamorfozear.

² Achelóo: filho de Oceano. Namorouse de Dejanira amante de Hercules. Hercules combateu com ele metamorfozeado em toiro, arrancoulhe um corno, e venseu-o.

CANTO IIII.

Foise em folias a seguinte noite.

Mas asim que a lus alma avermelhando
No orizonte as globozas nuvemzinhas
Comesou a doirar o cume aos montes,
A vensedora jente enfurecida
Respirando outra ves carnajem, sangue,
Vai de rota batida, e compasada
Ao som dos belicozos instrumentos
Demandar do Mondego as marjems frescas.

A seu salvo xegando se alojárão. Fas-se conselho, e por comum acórdaõ Para a um tempo levar ao Porto, e Aveiro O terror, e a vitoria Nerêo parte.

Em quanto isto asim pasa, ja Coimbra Bem como um formigueiro fervelhava Atonita bradando. Eis muito conxo Correndo á présa contra seu costume, Vem um cambaio tutelar das aguas, O gago Vitorino, e o Santareno⁶ Fanfarrão desta sorte dezafia.

Cá-cá fora me'amigo, cu na rua; Á de ir aqui tu-udo c'o a maleita. E ve-ve-ve veremos, e veremos Quem-quem leva a melhor: xê-xegá'gora Um nunca visto inzercito de jente; Saõ co-como mosquitos: se tem barbas, S'hé-s'hé-s'hé-s'hé capás ponhase em campo.

Qual grande Ferrabrás no xao deitado Desprezando do garrulo Oliveiros O louco dezafio, o Eroi prestante Do Rino desprezou o stultiloquio. Não se altera; em seu rubido semblante Não poim o Mêdo as cores da fraqueza. Lijeiro, quanto sofre a corpulencia, Á trapeira alta sobe onde vijia; E axando ser serta a guerra em caza,

Maõs perdidas, dis ele, saõ: ja'gora Ou venser, ou morrer. Xamase ás armas, E toda a jente sua acode prestes. Acodem d'Alemtejo, e Estremadura Bizarros Campioins: da Vidigueira,

³ O Velho, &c. Nerêo, filho de Oceano, e pai das Nereides.

⁴ Protêo: vej. Virg. Georg. I. 4. v. 429.

⁵ Um dos Taverneiros de grande conta que Lisboa teve. Na dilatada teia de seus louvores saõ estes meus versos um romendinho.

Vila de Frades, Borba, de Vilalva, Setubal, e Palmela. De Lisboa Axaõ-se os Carcavélicos mansebos De furibundo senho. Estaõ do Algarve Mil Soldados d'embarque destemidos, Mil de sima do Doiro, e das Bairradas; E saõ mais de dés mil Coimbricenses.

Toda esta Soldadesca, he bem verdade, Cavaleiros não são d'aureas esporas: São rotos, bandalhoins, babozos, porcos; Mas qualquer deles um Eroi xapado De inaudito valor, corajem suma, Capás de se avansar ao mesmo Alcides. N'uma palavra bebados eternos.

Entrase a rezenhar: cazo estupendo! Inda a mais d'um milhao monta a rezenha. Formarse vao da Feira ao grande largo.⁷ A linda variedade em farda, e armas Os olhos encantava: grande parte Em cambudos capotes romendados A trouxe mouxe postos se rebusa: Parte em mangas, e pernas, sem sombreiro, Xeia de impavidês caminha aos tombos. Este trás um pixel, este trás quatro No alforje a tiracolo: um tres borraxas De admiravel grandeza, e tudo xeio. Armados todos vem muito á lijeira: Nada de arnezes, peito descuberto; À excesaõ dos rompentes granadeiros Oue feitos vão ali cabides d'armas. Com grevas, bacinetes, e lorigas Bem poucos se embarasaõ: a rodela, A talhante farrusca colubrina, A adaga, o varapáo, a masa, o xuso, Comforme cada um melhor se ajeita, He tudo quanto importa á mais da tropa. Nas pezadas carretas rexinantes Temivel ali vai das bocas negras A ignívoma tormenta: até nao falta Quem leve junto a si seu cao de fila.

Entaõ sobre um jumento de atafona Ricamente ajaezado, o Santareno As odreas pernas escarranxa a custo. Veste de bode um tresdobrado coiro; Poim um elmo de vides enlasadas Na caveira d'um tigre tremebundo Que lhe a grande carranca asombra, e adorna, E empunhando na dextra uma tarasca De dilatada folha, vai bizarro Puxando os batalhoins para o combate.

Tanto que do lugar alcanse ouveraõ, E os raivozos imigos avistaraõ, Fas alto o Santareno, expede as ordems, As fileiras divide, o campo asenta. Depois entre um salseiro procelozo De perdigotos que da boca xove, Da sua jente á testa asim troveja:

Lembrar-vos, generozos Camaradas, O que ides a fazer, fôra esqueserme Até de quem vós fois: eu sei que o brio A cada um de vós outros alentados Na ponta do naris brilhando salta. Ou morrer, ou venser: a cauza he nosa. As Aguas de bazofia em vao nao se enxao, Custelhes caro se venser quizerem. Corajem, meus amigos, oje a gloria Q'ate'qui se ganhou nao vá perder-se.

Nos animos calou vinhi-potentes De tal sorte a razaõ destas palavras, Que cada um deles se reputa um raio, E ja para envestir as trélas roem.

Agora, ó Muzas, nao falteis ao Vate, Asopraime no peito o extinto fogo, Que he precizo cantar melhor que nunca O combate maior que os evos virao.

Deu sinal a trombeta Neptunina Aspero, forte, atrós, e formidavel: Nas cabesas as grenhas se arripiaõ, Bate mais forte o corasão nos peitos. Comesão-se a mover as longas alas; O medonho alarido se levanta; Daõ fogo os mosqueteiros; da descarga Sobe rapido aos Ceos enovelado O denso negro fumo; c'o estampido Os cavernozos montes retumbando Enxem tudo de orror. Dos grandes eixos Parecia que a máquina do mundo Sacodida, em pedasos se fazia. C'um asoite na mão de duro ferro Os cruentos cavalos instigando Girava a impia Guerra o campo todo. Os Soldados que a viao se animavao. A Dezesperasão á redea solta Corria furibunda, e sem maneira. As incendidas balas estridentes, As mortíferas xusas enristadas, Gemidos arrancando aos mizeraveis, Um inferno faziao. Alastrado De sangue viu-se em breve, e corpos mortos Da orroroza batalha o sitio extenso.8

Rocio, que em razao de vizinhansa O nome erdado tems de Santa Clara, Se gloria ganhas oje em ser teatro De tao sanguinolenta brava guerra, O nome mudarás, e dos vindoiros Virás a ser xamado o campo Marcio. De forsa neste dia altos prodijios
A gente Bacanal fes mais que nunca.
Qual, semelhante ao gato entre podengos
Que o lombo em arco tendo enxorisado
Fas provar velosmente em pulos destro
Aos audazes fucinhos circumstantes
Das curvas fisgas os lembrados golpes,
Para um, e outro lado dezenvolto
Murros, e pontapés fervendo atira:
Qual d'um talho c'o a espada aos dentes xega:
Qual d'uma vês c'o a xusa quatro enfia.

Mas ja um Foca enorme e gueludo, De dente anavalhado, unha rompente, Cujo coiro entezado e verde-negro Se ria das mais fortes cutiladas, Um vinheo Capitaõ tragando estava, Quando o intrepido Andrade irozo acode.⁹ Aqui ainda viu do mizeravel Engolir os restantes calcanhares. Da vingansa o furor lhe sobe aos olhos, Avansa ao monstro, e sobre o craneo rijo Da inimiga cabesa vensedora Com um buxo roliso (arma cazeira) Mil golpes fulminando, o quebra, e esmaga. Tremeu convulso o monstro; e o bruto sprito Aos ares se soltou envolto em sangue. Acodem muitos Focas, o Eroi cercaõ. Os aquozos Soldados trepidantes De fila cem membrudos cains lhe asulaõ; E, quais sobre a bigorna os malhos batem, As dentadas sobre ele a miudo fervem. Andrade volta a um tempo a todas partes O braso vingador: destróe, derruba, Atropela, maxuca, abola, mata. Mas sendo ja sem conto os inimigos, Depois de longo espaso de conflito, Falto de forsas vai beijar a santa. Aqui (quem crerá tal?) a todo o trance Com mais de quatro mil inda combate. Grandemente bufando aflito espuma, Revolvese, braseja, e o xao mordendo Pasmozos coices enraivado atira. Forma mil carantonhas formidaveis, Qual trovaõ rujidor medonho berra. Das dentadas a orrivel tempestade Ja quazi o sosobrava; eis dando um pinxo Em pé se torna a pôr, e a brava xusma. Em fanicos desfás c'o a masa dura.

Nao te dérao da fonte as alimarias, Valente Palmeirim, tanto trabalho; Bem que viste o broquel feito em pedasos C'o as leoninas unhas; bem que o tigre, Que a mal cortada perna inda arrojava, Te fes afucinhar c'o a garra ardente.

N'outra banda com obra azafamado

O ferós Damiaõ como um corisco¹⁰
Cae sobre o inimigo: aqui o atacaõ,
Aqui destro acomete, rompe, asola.
Cada pedra que solta he uma granada
Onde vai desfarsada a orrenda morte.
Destrosa seis Delfims mesmo a pé quedo:
Fas rosto a dés varoins dos tais pixozos,
E do primeiro encontro os desbarata.
Xovem nele os pelouros abrazados
Dos áqueos Soldados impelidos,
Como sobre os telhados em Janeiro
A saltante saraiva que Euro impele.

Ante os muros de Pérgamo mais bravo O filho não pugnou da branca Thétis.

Nem eu te calarei, Caetano ilustre, ¹¹
Asombro de valor, peito de Marte.
Tu ali sobre a terra o pé batendo,
Pancraciasta acérrimo, insofrivel
Mais de mil desqueixaste a murro sêco.
Mesmo o Duque Nemé famozo em murros
De deitar-te agua ás maõs capás naõ era.

Mas não soprava a pérfida Fortuna Com ventos de servir á gente aquatil; E sendo ja sensivel a derrota Tocar a recolher manda Oceano.

⁶ Vitorino, ou Rino: Aguadeiro de mal semeadas barbas, de gambias escanxadisimas, de gaguês inexplicavel, e de uma paxôrra inata na condusaõ de seus carretos.

CANTO V.

Tanto que a Mãi das trevas taciturna Desdobrou sobre a terra o manto negro, C'o a palma da vitoria ufano e alegre Dar a seus Cabos um convite lauto Determina o Eroi pantafasudo.

⁷ Ao grande largo. Tudo vai das ipotezes.

⁸ O sitio extenso. Repito o cavaco que dei respetivamente ao largo da Feira.

⁹ Andrade. Uma afetada doudice, ou uma continua bebedeira, um tezaõ arrogante, uma catadura tôrva, e uma eterna bandalhise, saõ os caratéres que fazem sempre formidavel este fasanhozo Sapateiro.

¹⁰ Damiaõ. Ha tres especes de embriaguês; de leaõ, de galo, e de porco. A 1.ª pare os disturbios: a 2.ª as galhofas: a 3.ª o deleixamento. A deste Pedreiro he da 1.ª espese; e conseguintemente funestos os seus efeitos.

¹¹ Caetano. He um *quidam* sexagenario, bebado da 2.ª espese, cujas dezencaixadas xocarrises nos fazem ver, que he um daqueles genios que sempre estaõ de caninha n'agua.

Quem contar as galhofas desta noite Ouzado poderá com versos dignos? Foi entaõ quando o lépido Caetano¹² Cambaleando em meio do congréso Fes com rizo estalar os circumstantes, Abrindo francamente de seus doutos Jocozos anexims o aureo tezoiro. Foi quando o Doutor Rito, sobre os ombros¹³ Tendo ums calsoins de riso por capelo, Ex cáthedra asentado, sobre pontos De guerra longas oras disertando, Escarrou discrisoins, mijou conselhos. Sobre os bicos dos pés alevantado Aqui foi que o tacaõ, gárrulo Xaves¹⁴ Lodozo ganso que a Castalia turba, Batendo as sujas palmas na asembleia As Muzas invocou, e esta perlenga, No modo que lhe he proprio, d'improvizo Recitou com torrente entuziasmado:

Nobilisimos Xefes respeitaveis, A quem, nao sem razao, Lieu potente Fes de sua justisa defensores; Vós outros tendes oje ao mundo dado Um raro exemplo de virtude eroica. Nimguem de pôr na cara uma navalha He mais digno que vós. Oh se os meus labios Podesem proferir, se a minha lingua Podefe articular quanto alma sente! Vós tendes os xibantes destrosado Com o mesmo valor com que eu destróso Carangos nos calfoins, e na camiza. Sim, vós os filhos sois abensoados Do invicto Basareu que onrais a Patria. Não dezistais da empreza comesada: Depois do que pasou, ja'gora o resto Val tanto como escarro de tabaco. E tu, grao Jeneral, que o orbe asombras; Tu, em cuja cabesa mioluda Minerva, e o loiro Apolo influxos largaõ, Es digno de rejer um grande Imperio. O noso amado Rei entre o seu povo Não póde igual ao teu axar um caco Aonde os seus dezignios se acomodem, Suas trasas se entend\oing{\tilde{0}}\tilde{0}. Os dezastres Não axão no teu buxo o estreito aperto, Que no de um bigorrilhas: o teu buxo Sem inda rebentar, tres mil dezastres Calado e sofredor alojar pode, Porque he muito mais vasto que uma adega. As tres velhas Irmans doirados dias Ainda te conservem: muitos anos Ainda, ainda sejas no teu mando Franco dispensador destes obzequios.

Asim clamava o Vate, quando atende Que estava *vox clamantis in deserto*, Porque em sono os ouvintes sepultados Resonando a barraca atormentavaõ. Por tanto pauza fes; uma canéca Presto escorropixou; e c'os Anginhos Paresendolhe estar, fes sucia aos outros.

Mas nas tendas a jente estropeada Ja cuidava em curarse, e refazerse, Quando um grande alarido ao lonje se ouve. Alegraõse os vencidos, novas forsas Nos animos cobrando, porque pensaõ Ser xegado o soccorro que esperavaõ.

Asim era: Nerêo galhardo, e ovante Seguido de invenciveis combatentes Trazia de refresco o Doiro, e Vouga, Capitains, que a derrota fomentáraõ Dos dois vinheos Erois de seus destritos. Dadas as salvas d'uma, e d'outra parte, Entao ele contou como em Aveiro Antonio do Ministro, Cabo astuto, 15 Soldado veterano, omem temivel, Forte se lhe opuzera em campo aberto: Os manhozos ardis que escogitára, Os xoques que tivera, e seus encontros, Do noso Vouga, que prezente estava, Os inclitos servisos referindo. Depois pasa a contar quanto no Porto Lhe dera que fazer uma Matrona¹⁶ Do que a Velha de Diu mais guerreira, Mais fera que as do antigo Thermodonte, Que derao tanto lustre á Capadocia. E não menos do Doiro ás nuvems alsa A parte que na asaõ tivera onroza. Em fim conclúe, dando a ver os modos Como d'ambos os dois desbaratados Os olhos entregára ao sono eterno.

Oceano um pouco entaõ mais branda a pena Da perdida peleja, aos vensedores Amostrando um Real comprazimento, Comesou a tratar quanto era justo Porse por obra na manhan seguinte.

Asentase em tentar novo combate
Jeral, e decizivo. As transas loiras
No vermelho orizonte ao vento dadas
Mal que a Aurora amostrou madrugadora;
Mal que os frajeis fugazes pasarinhos
Com a lus matutina comesaraõ
Nos verdes salgueirais a espenujarse,
Um xirlando, outro em módulos gorjeios
Enxendo de alegria a selva amena,
Tudo se perturbou. Ergue do abismo
A terrifica fronte angui-comada
Outra ves a maldita a negra Guerra.
Salpicadas de sangue as azas bate,
E os longos arraiais tres vezes cérca.

As buzinas, e os pifanos se tocaõ, Arrusaõ-se os tambores, treme a terra, E os marinhos pendoins dezenrolados Vaõ no imperio dos ventos tremulando. Aprestaõ-se os Soldados vensedores, E se vaõ encontrar c'os inimigos, Ums ainda arrotando a ovos xócos Vaõ enxendo as boxexas, e asoprando; Outros se queixaõ que a xixelo velho Muito a boca lhes sabe: em cuja arenga Entretidos em fim o imigo arróstaõ.

Está'li Santareno altivo, e guapo Sopezando na dextra a espada injente; Qual atacada mina que promete Ruinas vomitar de imensa mole. De seus olhos pasmado está pendendo Seu exercito em pezo, aonde espreita, Como os ventos em grimpa, da batalha O escondido suseso. A bateria Entao comesa com fragor medonho Da parte dos Neptunios combatentes. Foi uma das descargas mais funestas. Muitos dos mais valentes bebedores Do saborozo xá das tortas parras O derradeiro A Deus aos copos deraõ. Encarnisa-se a jente, ferve a guerra, Reina a Desolasão, a Morte, as Furias.

Apoucando no campo os inimigos Avia longo tempo que bradava Para um nobre duelo decizivo Pelo Padre Oceano, um Serralheiro.¹⁷ Monstro injente, desforme, aspéto orrivel, A quem bravo, e colérico nas forsas A um toiro igualára a Natureza. Eis que ao lonje do Padre entre as falanjes O brilhante pavês de tartaruga Orlado c'uma pel' de crocodilo Os olhos anelantes lhe deslumbra. Na grande maõ sopeza firme, ufano Uma lansa fatal de largo ferro; E brandindo-a valente, rexinando Despedida a fes ir rompendo os ares. O golpe resaltou do rijo escudo, E a ástea espedasada em terra cae. O Padre embravecido o imigo busca; O imigo c'um montante se defende Briozo pelejando: mas o Padre Por tempo entao poupar, de romania Cerrou com ele, e o esmagou nos brasos.

Do mesmo vensedor ultimos golpes Contra sua vontade onradamente Sofreraõ dezasete Sapateiros, E algums trinta Alfaiates neste dia.

Unidos os d'Embarque denodados

Aqui Górgones eraõ: nada em campo, Ante seus forsozisimos revézes, Que folgo respirase, em pé ficava. Nada menos fazia o Alemtejano, O Minhoto, e o Beiraõ. Naquele dia Com eterno desdoiro se encobriraõ Os feitos que nos Gregos cadafalsos Em torneio cruel outr'ora obráraõ Rozuel, Estrelante, e Belizarte.

Ali Nereo andava incontrastavel. Ali Periclimeno em forsas grande, Ali o Padre Tejo, o Doiro, o Vouga As mais descomedidas tridentadas, Que o mundo ha visto dar, ao imigo dando. Destroncava Achelóo mais cabesas. Cerceava sanhudo mais orelhas, Do que o fertil Brazil macacos cria. Mas vendo que sua ira inda sedenta Mais estragos dezeja, o arrojo toma, O temerario arrojo de encontrar-se C'o grande Santareno. Este montado No asno, ao som de zurros espantozos, Com guerreiro valor tempesteando Entre seus inimigos, como um rio De caudaloza enxente, que insofrivel Na alagada campina arranca, e arraza Quanto lhe estorva á turbulenta marxa, Levava a toda a parte o orror, e a morte. Acomete Achelóo em manhas ábil, Fáslhe cara o Eroi; quebraõse as lansas, E dos brutos c'o a furia abalroados Pinxão das selas pelas ancas fóra. Postos a pé aqui he que saõ elas: Arranção das espadas, talhão, cortão, Estoqueiaõ, desmalhaõ: nasce fogo Dos asos petiscado; ora se curvaõ, Ora em bicos de pés raivozos se erguem. Os golpes se amiudaõ, giraõ destras As talhantes catanas: um sobre outro Vantajem nao conhese um'ora inteira. Transforma-se Achelóo d'improvizo N'um dragao feio de farpada lingua: Espanta-se o Eroi, mas destemido Sobre as azas um córte lhe aprezenta, Que o fas baquear em terra. Novamente Em majestozo toiro convertido Impetuozo avansa: entaõ por terra C'o a forsa do boléo o Eroi caindo Aos cornos se lhe agarra, e novo Alcides O faria em pedasos desta feita, Se em mosca transformado, n'um momento Lhe nao foje futil, cobarde, e fraco.

Entretanto a carnajem sanguinoza Voando devastava o campo todo, E d'ambos os exercitos provavaõ Os nobres Capitains dezasombrados De valor nao comum, nao vulgar fama.

Mas a gente marinha desangrada
Do ferro Bacanal ja nao podia
De brutos tao indomitos a sanha
Nas filas sustentar. Entra a dezordem,
E toca a retirar. Ja de Anfitrite
Aos palacios Reais se encaminhava
O férvido Titán palido, e triste
A darlhe a infausta nova da derrota,
Que em sua gente a seu máo grado vira.
Caindo as sombras vem dos altos montes,
E d'uma, e d'outra banda sepultura
Se entra a dar aos cadáveres que alastrao
O campo da batalha, e dao aos olhos
O orrorozo matís que a Guerra estende.

CANTO VI.

Geme o Padre Oceano inconsolavel No fundo de seu peito, e mais aguda Comesa a renovarse a dôr antiga. O malogrado fim de seus dezenhos He um dardo punjente, que as entranhas Lhe pica, e despedasa; e quem naõ soube Dos purpureos Erois ceder ás forsas, Em fim cede á mortal melancolia. Tanto póde a paixaõ n'uma alma grande!

Fexase triste no tentorio Regio; Nimguem ouza falarlhe; solitario Só quer por companhia o pensamento.

Pasadas oito oras em silencio Manda entrar os seus Cabos: pensativo Sobre a meza encostado o cotovelo Na maõ esquerda descansava o rosto, Gotejandolhe em lagrimas banhadas As venerandas cans da longa barba.

¹² Caetano. O mencionado no Canto antesedente.

¹³ Doutor Rito. Um dos papeloins mais celebres que o ocio nutre. Ainda que nunca lhe lembrou seguir os estudos, andou nos primeiros tempos de batina; foi Doutorado por seus mesmos Pais, e na sua propria caza, servindolhe ums calsoins de riso azul da insignia de capelo. Palra sempre de autoridade; he sorumbatico de natureza, e quazi sempre anda com tericia. A sua caza he de orates.

¹⁴ Xaves. Bebado da 2.ª espece: he de um notavel dezembaraso, de uma verbozidade pasmoza, e de uma mania de fazer trovas insofrivel.

¹⁵ Antonio do Ministro. Foi em Aveiro um dos Taverneiros principais.

¹⁶ Matrona. Uma *ejusdem furfuria* bem conhecida no Porto pela alcunha de Rainha.

¹⁷ Serralheiro. Irmão do Gigante Dramuziando, filhos do Entuziasmo, e da Fantazia.

Amados filhos (vagarozamente Tendo erguido o semblante macilento Asim lhes dis) Amados filhos, nunca Tao fera atasalhou meu peito forte A tirana Paixaõ! Nunca minh'alma Tanto vi afracar!... Fatal derrota Foi esta que no livro do Destino Lavrada estava em caratéres negros Pela férrea mao da atrós Desgrasa! Nosas forsas (as forsas invenciveis Que tem amedrentado o mundo inteiro!) Abatidas as vedes, destrosadas Por barbaros Salvajems, por ums brutos Que nada por si tem mais que fortuna. He pois tempo, surjâmos acordados Deste pelago vil de cobardia Onde a triste vergonha nos asoita. Para o imigo venser quem se embarasa Que aja esforso, e valor, ou que aja dolo? O que forsas não dão, ardís alcansem. Todo aquele que vir que melhor póde Ao exito xegar do que intentamos Meta maõs ao trabalho, dêse présa E reduza a pedasos esta canga Que tanto no caxaso nos carrega.

Levantase do asento entaõ pacato O Velho guardador dos grandes Focas, E no meio do cónclave luzido Dest'arte descarrega a consciencia.

Até'gora eu nao quis a colherada Nestas coizas meter; vós tendes feito, Tendes acontecido, sem quererdes Pedirme, nem ouvir os meus concelhos, Porem quando a tortura a tal extremo As coizas vai levando, oporme devo, E servir a meu Rei, qual poso, e valho. Os Deuzes, caro Pai, tem-me ensinado As coizas do por-vir caliginozo, Eu antevi estes dezastres feios, Mas eu sem ser forsado não predigo. Por castigo talvês dos Deuzes fose Ao voso dezacordo.... Porem basta, Ja tudo se pasou, agora eu mesmo Tomar á minha conta a empreza quero. Socega, amado Pai, o Eroi da pinga De meus tiros o alvo a ser comesa.

Recobrou novos animos o Padre, E do filho nos ombros sempre firmes O pezo descansou da grande guerra.

Proteo, que nos ardís exp'rimentado Fôra sempre instrumento a mil fasanhas; E cuja calva frente laureada De importantes facsoins sempre saíra, Um pouco sobre o cazo consid'rando, Este acordo felis contente abrasa. Vaise ter com a Astucia enganadora. He esta uma rolisa Mosatona, Que vestida de peles de rapoza, E empunhando na dextra um rico cetro Domina sobre os omems; manda, impera Os indomitos tigres, quais cordeiros.

Em quanto pois bulindo dezenvolta Lhe xamejaõ os olhos inquietos Por ouvir o que quer dizerlhe o Velho,

Eu quero, lhe dis ele, que te empenhes Agora em socorrerme quanto pódes. De Baco um General meu inimigo, Xamado por alcunha o Santareno, Do esforso ou da fortuna socorrido Tem triumfado das aguas. Oceano Ja derrotada a flor de sua jente Suspira inconsolavel. Mas dos livros Do tremendo Destino irrevogavel Eu sei que o Santareno ao ferro ao fogo Não tem de dar a vida nas batalhas; Pois uma pouca d'agua em ora infausta Bebida, ha de arrancarlhe ao corpo o sprito. O buzilis porem consiste agora Em fazerlha beber sem que ele o saiba, Por quanto este animal temlhe odio eterno. Todavia a este laso que lhe tramo Fugir nao poderá. N'um arrabalde Nao lonje da Cidade, brevemente Farsehá uma funsaõ que ele naõ perde. Aqui pela canseira do caminho Moído xegará, suado, e laso. Forsozo he pedir vinho, isto nao falha. Tu pois, que és marralheira, ásde mui prestes Em sua mesma Môsa transformarte; E eu tornado em agua facilmente Na vazilha entrarei que tu lhe deves Lampeira ministrar. Ele sedento Nem se he vinho, ou se he agua reparando A enfuza vazará no grande buxo. Deste modo a meu salvo os intestinos Ávido devorando o darei morto, E terei concluido a grande empreza. Vamos pois sem demora vem comigo.

Vamos onde quizeres; insofrida A Astucia respondeu. E logo promptos Metidos n'uma nuvem negrejante Tirada por seis Euros rujidores, Despejando coriscos sentelhantes Ao orrorozo som d'um trovao grande Sobre a airoza Coimbra em fim baixárao. Mas como do Deleite o Santareno Estava no país, ordena Próteo Que a Astucia dali sacar o fasa, E á Cidade o conduza aonde a trama Para o pobre cair armar pertende.

Entre os longos Estados da Mentira Infame Imperatris da maior parte Da terráquea mole, junto ás fraldas D'uma verde colina alcantilada. Sobre um campo espasozo, plano, ameno A que regaõ d'um rio as mansas aguas, A galante Cidade encantadora Do vaidozo Deleite está plantada, A pálida Doensa, os Desprazeres, Os Remorsos crueis, a orrivel Morte O cume senhoreiao do alto monte. Mas o Engano traidor, c'um tolde espêso Tudo isto ávido encobre á gran Cidade. Nela tudo he prazer, tudo he descanso. O povo abitador ao ocio dado Só cuida em divertirse: o Baile, o Jogo, Os Cantos, a Luxuria, os Boms-bocados Aqui abítao ledos: pelas ruas Amplas Satisfasoins andaõ jirando Ministros de seu Rei: seu Rei parese, C'o as fraudolentas côres que a Mentira Arteira sobre modo o tem pintado, Um rapás mui lousão de afavel jesto.

Aqui de toda a parte os povos correm De seus serios deveres deslembrados A pedir a este Rei, quais seus dezejos, Tais as Satisfasoins, que outorga facil. Aqui a avía vindo o Santareno, E a meiga sua Espoza a Santarena, A pasar algums dias satisfeito Do fim da grande asaõ com que ultimando A mais árdua vitoria felismente, Tinha a um nome de impávida memoria Por entre o ferro, e o fogo alcanse dado.

Mas a doloza Astucia que não sabe Desvelada perder monsaõ de efeito, Por Próteo instigada, em continente As cambiantes azas solta aos ares, Dá nele d'improvizo, e asim o ataca: Dos remorsos se val acuzadores; E por uma maneira extravagante De seu alto saber somente propria, C'o as cores da razaõ na triste ideia Seu vil procedimento lhe debuxa. Faslhe ver com a mesma consciencia Como he mais justo que um Eroi constante, Que as desgrasas tratou de bagatela, Em as prosperidades não se infune. Que nao dê que falar ao povo rude, Que murmurante na Cidade o acuza Pelo ver aos prazeres taõ sensivel. Que deve a sua caza retirarse, Tirar do vencimento util proveito,

Não confiarse em si, porque inda as Aguas Estancado não tem as forsas vastas. Aqui do astuto Anibal traslhe á mente E do Magno Pompeo exemplos vivos, Que ja devem fazelo escarmentado.

Em fim estas solicitas lembransas De tal sorte do Eroi fervelhaõ n'alma, Que em si caindo parte rezoluto.

CANTO VII.

Entretanto em Coimbra amotinada
Era inda o pasmatorio inexplicavel
Por cauza do trovao medonho, e orrivel,
Que desde os fundamentos abalára
As altas cazas, e fizera aos sinos
Por si mesmos tocar nos campanarios.
Soava Sao Jeronimo inda em partes,
E em outras Santa Barbara bemdita
Com espantozos berros; e a vizinha
Á timida vizinha inda contava
Das viboras de fogo côr de enxofre,
Que tortuozas rápidas caírao.

Os dois obézos vultos, que sozinhos Pelas sombras da noite caminhavaõ Vinhaõ asustadisimos: em bica Lhes corria o suor, e sem falarem Só vinhaõ nas camandolas sebentas Ave Marias mil, e Padre Nosos Ums apôs outros engolindo a medo. A caza em fim xegáraõ, e por terra Depois de averem dado aos Ceos as grasas Pelos ter dos perigos defendido, Entaõ uma Sobrinha por miudo As coizas lhes contou que se pasavaõ. Diselhes, que depois que eles se foraõ Ao seu divertimento, na Cidade Em nenhuma outra coiza se falava Senaõ no grande risco a que seu Tio Tinha ficado exposto; que entre dentes Não sei que se rosnava; pois que o Xefe Inimigo tentava armar ocultas, Fraudolentas traisoins; que era precizo Cautela, e mais cautela: acrescentando Que teve ums sonhos (de que Deos nos livre) Mesmo áquele respeito asás funestos. No que nao creu o Eroi; porem Madama C'o a noticia em extremo intimidada, Asentando que ali avía agoiro, Fês que viese a caza no outro dia Uma ábil Franxinota a lerlhe a sina.

Asim foi: uma veio asás jocoza

De cabasa, e bordaõ, trincos nas repas Formados em torcidos papelotes, Pálidas maõs, agaloadas unhas, Altas as saias com franjoins de lama, Mursa nos ombros de ensebado coiro Com redondas conxinhas matizada, E um de languidas ábas xapeo ruso Com varios em redor Santiaguinhos No alto da cabesa côr de estriga.

Era esta sagacisima, adestrada, Mestra no ultimo ponto em Chiromancias. Olhou, examinou, tomou medidas, Mas viu mil cruzes na polpuda palma Do magnanimo Eroi, mil entrelinhas Cortando inteiras linhas, mil figuras, Mil indicios em fim de agoiro aziago,

De caza em todos toma pose o susto: Parese cada cara uma laranja.

Porem o Santareno que prezume Ser em materias tais dezabuzado, Que nunca em Bruxas creu, ou Lobizomes, Deita estas coizas para trás das costas. Trata de divertirse, e em mais nao pensa.

Ai de quem da memoria o adagio varre *Quem inimigos tem dormir naõ deve!*

Xegada estava entaõ uma romajem Dia de Pentecoste, onde Coimbra Em pezo aos Olivais sair costuma. He esta uma funsaõ das mais luzidas Daqueles arrabaldes; ali entra Tudo o bom, e bonito; ali se encontra Todo o recreio de qualquer espece. Veemse ali jocozisimas Comedias No amplo teatro do arraial vistozo. Veemse as Trajedias de orrorozo aspéto A sena ensanguentarem. D'uma parte Esgrimese com ansia a espada preta, D'outra em jogo de páo soa a lambada. Aqui n'umas mezinhas enfeitadas Mosas de arromba, que os tafuis arrastaõ, Vendem d'envolta c'o as xulises torpes Sédiso doce de mil castas feito. Ali nas asadeiras xia a carne: Esta freje a sardinha, aquela os ovos, Uma vende agua ardente, outra beijinhos. A fresca como neve limonada De resto ali se trata: ali triumfante, Como em brilhante trono, sobre um carro De cana, parra, e loiros enramado, Adoradores mil em torno tendo, Vêse a sine-qua-non excelsa Pinga.

E que peito de páo, que alma de palha

Poderá insensivel n'um tal dia Ao recreio negar entrada franca? Um omem de bom senso, e que se préza Ser da onra, e do respeito alumno serio Ha neste dia de trancar insano Em masmorra domestica o seu gosto?

Naõ era, o noso Eroi naõ era filho De pai que tal fizese. Espoza cara, Dis ele, he nesesario naõ perdermos Os uzos, e costumes: he xegada A minha romaria: resta veres O que eide merendar; pois tu bem sabes Que nisto da funsaõ consiste o todo.

Mas a crédula Espoza, a quem agoiros Sempre grande impresaõ fizeraõ n'alma Aflita com exceso asim lhe argúe:

Onde queres tu ir? Tu serás doido? Credo! Apelo eu! Lenho da Crus Santa! Não vês, alma de Deus, como danados Andao teus inimigos de alcateia A ver se te devorão? Tu não queres Inda acabar de crer? Eu bem te avizo. Se queres merendar, merenda em caza, Deixa lá ir quem vai á romaria. Bem viste a Franxinota o que te dise Quando lendo te esteve a buena dicha.

Ai, temos conversado, a Deus Senhora; Quero ir á romaria, tenho dito (Replíca ele agastado) vá dar ordem A um fardel em termos: ca por ora As Aguas nunca me fizeraõ papo: Naõ temo de nimguem, só de Deus temo.

Com efeito apromtouse uma merenda, Que para outro qualquer fôra um banquete. Era uma perna de vitela tenra Com Anjelico molho temperada Segundo os boms preseitos que arte ensina; (Ele a tinha aprendido com boms Mestres) De prezunto era um grande pratarrazio, De porco quatro pés, seis orelheiras, Uma lebre, um leitaõ, sete coelhos, Ou láparos talvês; afóra o lombo Oue estivera ate'li de vinho d'alhos Iaõ sinco ou seis pains de imensa mole; Coroando por fim a obra toda Xeia de vinho a pel'd'um bode d'ampla Desmedida grandeza: odre admiravel, Qual nunca em seus opíparos banquetes Teve de Bromio o orelhudo Socio.

Mas vem a cada porco um S. Martinho. Em fim he tempo, os duros Fados instaõ, E Lachesis da roca por momentos Vai tirar ao Eroi o ultimo fio.

Da partida se trata: a carga opíma Da profuza merenda em dois alforjes Um burro fas vergar: na mão c'o as contas, E c'o a borraxa á cinta, o Santareno A maguada Espoza prende, e abrasa; E entre doces coloquios até a noite Seguro se despede. Mizerando Que ignora que esta noite ao prazo dada He por ordem dos Ceos a noite eterna! Entaõ tres vezes que dirije os pasos Da porta ao lumiar, tres vezes dentro Se torna perturbado, inquieto, mudo. Preságo o corasao dentro no peito Agitado lhe bate: mil lembransas De montaõ o atacaõ: anda, pára, Nem sabe a decizaõ que tomar deva. Mas se o que tem de ser, tem muita forsa, Com eroico valor tanto imbecilho Rompendo finalmente a estrada avansa.

CANTO VIII.

Vai a ultimarse a empreza. Numen terno, Que os influxos nos lúgubres cantares Da Heliconia montanha aos Vates mandas, Para oje acompanhar meu canto triste A minha lira d'évano tempéra, E nas cordas me ensaia os dedos broncos, Q'a impreterivel ordem dos susésos; Ja me fas o sinal de pôr aos olhos A lastimoza sena em que a Desgrasa Deixou que á vergonhoza cobardia Cedese o alto valor d'um peito nobre. O estro se me afraca, o pulso treme... Eu quizera esquivarme ao pezo enorme... Ó Muzas ajudaime. Ja sentado Sobre a relva do campo verdejante Onde da romaria a jente estava Noso Eroi dezabotoava impando Os graúdos botoins da imensa vestia. Ja mais em ano algum ele sentira Em funsaõ semelhante entre folgares Tao grande desprazer dentro em si mesmo.

Ui lá! q'inda este burro nao xegase! Valhame Deus, forte tardansa he esta, (Dizia ele lá comsigo mesmo) Nem moso, nem dinheiro, nem garrafa; Máo está o negocio... E asim rosnando. Sentado cada vês mais se aflijia. Levantase, o capote aos ombros puxa, E gozando do fresco deleitozo, Que o zefiro das azas sacodia C'os olhos do concurso em torno gira.

A precavida Astucia, que d'um alto Todos seus movimentos atalaia, Entaõ em Môsa feita, de tal sorte Que a sua em carne, e oso ser parese, Sae d'entre o barulho, e contra o Amo Os concertados pasos endireita.

Ora grasas a Deus! Pois inda'gora He que tu la de vir oras axaste? (Lhe dis ele agastado) Morto á sede Ha mais de duas oras aqui posto Sem xegar inda o vinho! Irra c'o a festa! Por onde tems andado? Q'he do burro?

Como quem d'um perigo ilezo escapa, Que fica longo tempo, em dezabafo Do aflito corasao que á présa bate, Cansado respirando, e da garganta A fala desprender livre nao pode; Asim depois de um pouco estar ant'ele Descansando arquejante, e fadigada, D'est'arte entre ipotéticos enfados Zangada a Mosa apócrifa responde:

Ah Senhor! que me dis? Sabe os trabalhos Q'ese burro nos deu? Olhe a empreitada Melhor nao pôde ser. Mais de oito vezes Tem caído c'o a carga: eu e o Fernando Temo-nos visto Gregos: os alforjes Vem todos lameados; as casoilas, E frejideiras todas se quebráraõ: (Cada palavra destas piamente Creio que era no Eroi uma facada Segundo as cores mil que ao rosto dava) Os molhos se verterao; finalmente Caminhando adiante eu vim mais prestes Somente por pensar que esta tardansa Lhe daria cuidado. E nao pequeno, (Torna ele) esa está boa! Esta somente A mim he que susede... Paciencia: Que lhe avemos fazer? Eide matarme? Naõ; matese o Diabo. Vai depresa, Oue eu tenho muita sede, e estou suado, Buscar meia canada n'uma enfuza, Que eu nao poso esperar que o odre xegue. E traze do melhor, anda deprésa.

A Astucia mais não quis ouvir; e dentro Do barulho sumindose contente, O fatidico Vate que a aguardava No aprazado lugar buscando encontra, Mutuos parabems ambos se prestão, E sem que dois minutos se esperdisem Em agua o ávido Velho se transforma, E na enfuza se mete. Corre, voa A fatal Portadora. O Santareno Tanto que a enfuza enxérga, ja sem tino As guelas abriu voraginozas, E, sem fazer no gosto algum reparo, Alambazado, e sofrego d'um trago Em vês de vinho foi beber a morte. Dominante entra Próteo. D'improvizo As entranhas do Eroi rujindo estalaõ: Com orrorozas vascas treme o corpo: Os brasos se lhe estrixaõ; torce a boca; Revirados os olhos se lhe vidraõ, Os dedos fexa, estende as pernas, morre.

Ah barbaro traidor! Que gloria, ou fama Defeito tao atrós, de asao tao crua Pertendes alcansar? Sempre em meus versos, Se versos os meus versos sempre forem, Notado tems de ser de vil, de infame.

Morreu o Santareno. As longas azas Batendo logo a xocalheira Fama O boato espalhou por toda a parte. Alvorósase o Povo, corre, inquire, E cercaõlhe o cadaver. Escumava, Ainda quente o corpo; e a Morte pálida Ja lhe tinha das faces desbotado O vivo vermelhão. Ceos! que terrores, Que frios sustos, que orrorozos pasmos Esta morte não cauza á gente toda! Eis uma tumba a multida rompendo Lá o condús em si levando fitos Os tristes olhos da pasmada jente, A funsão se desfás, tudo se abala; E o jeral sentimento nos semblantes Dos calados Romeiros vem pintado. Tal se tira lisão destes exemplos!

A caza a tumba xega: o povo a porta Rodeia em turbilhoins: toda a familia Frenética rebenta em pranto amargo. Da caza que resoa sem maneira Fere as aureas estrelas o alarido.

Ja mais aparesêra em nosos dias De dezordems tao funebre um teatro!

Mas na Espoza infeliz que alma ferida Ja tinha desde muito, entao se acaba De cravar o punhal sangui-sedento. A fala se lhe toma, as cores perde, Suspira, desfalese, em fim desmaia.

So a linda Sobrinha, linda mesmo Como Deus a criou, largando as redeas Da violenta paixaõ que sofreava, Insana fere as boxexudas faces, Fórma gritos d'espanto, e as maõs fexando Uma n'outra, indizivel xoradeira Fas nestes termos pouco mais ou menos. Ai Tio da minh'alma! Bem dizía
Bem diziamos nós que naõ saíse!
Que negra romaria nos foi esta!
E que áde ser de mim?... Oh Ceos, eu morro.
Ai de mim! Ja (quem tanto me queria)
Naõ me ouve aqui xorar mesmo ao pe dele!
Ja naõ fala, morreu... Forte desgrasa,
Senhor, forte desgrasa! Quem diria
Que n'um pouco de vinho fose a morte?
Mas ah! que a mim do sonho inda me lembra
Que ele os tempos atrás de noite teve!
Oh mal-aventurado, triste dia!
Nunca tu... E asim continuava
Abrindo, e com furor fexando as portas.

Em tanto a si tornando a Espoza Eroica O amortalhado corpo apenas pôde Só ver, e abrasar, porque fexada Quis dar á sua magua o dezafogo Que a todos nos ensina a Natureza.

Não ouve cao nem gato a quem deixase De custar quatro lagrimas tal perda. Todos, bom Santareno, te xorárão: Nas mesmas sentidisimas adegas Ainda oje se veem lagrimejando Os bojudos toneis, as gordas cubas.

Mas que ternura em mim!... Ah! vinde, vinde Minhas lagrimas ternas, que tributo Melhor não pagareis á sua memoria. Oh mal aja o primeiro, que das guerras A praga fes cair no pobre mundo: Nefanda praga dos mortais verdugo, Donde veio a dezordem, donde os roubos, Donde a desolasão, a mortandade. Ditoza Pás, dos Ceos abitadora, Serena filha da Ventura eterna, Que os mizeros umanos tanto alegras; Se fora mais privado o teu imperio, Se a execranda Discordia não ouzára Entrar com mão armada os teus limites, Lansar neles o orror, destronizarte; Ainda o meu Eroi de glorias xeio Alegrára vivendo os nosos dias. Mas não susede asim: est'alma nobre Foi do sosego seu dezaposada No melhor de seus anos: os trabalhos Mais as consumisoins, que de rezerva Dispostos a atacalo andavaõ juntos, Fizeraõ nele o tiro; e o bem-fazejo, O braso liberal que no regaso Da esfaimada Pobreza amplos tezoiros Franquear costumava viu-se a ponto De pegar da espada. Mas que forsa Naõ era a de seu braso? Que grandeza A de seu corasaõ robusto, e forte?

Ah! e que Átropos cega, e sem acordo Condene ao mesmo golpe o poltrao baixo, E o magnanimo Eroi, que a Patria onra!

Amigos deste Amigo, se inda o zelo Vos aquese as asoins, eia xoremos, Não sejamos ingratos, indolentes: O luto se conhesa, banhe as faces Um saudozo pranto. Quem mais facil Satisfês algum dia, que este Amigo As nosas precizoins? Quando caía Das nuvems gêlo aspérrimo que o sangue Nas veias encalhava, quando a negra Mortal Melancolia o peito inerme Cruel nos abafava, elle benigno Não nos dava o remedio, apenas via Junto á porta asomar nosos garotos? A quem mais beneficios, mais louvores Poderemos dever, telhas abaixo? Ai de mim, que nao poso, ó grande Amigo, Xorar a tua perda incomparavel Com pranto de ti digno! Oh s'eu podera Gastar agora umor de Carpideira, Noite, e dia regára o teu sepulcro. Tu es digno de lagrimas eternas. Eroi sempre invensivel, que fizeste Notar teus aleivozos inimigos, Se venserte quizeraõ, c'o a infame, C'o a dezonroza marca de cobardes; Varaõ constante, que arrostaste os lanses, Qual aguia majestoza arrosta os ventos.

Arrepele os cabelos sibilantes,
Que a fronte negra esquálida lhe arreiaõ;
Raivoza a lingua morda, dê bramidos
Maiores que trovoins a magra Inveja;
Tu cantado serás: teu nome egregio
Na letárgica veia entre cardumes
De populares deslembrados nomes
Naufragio naõ fará: em pás descansa,
Seja-te leve a terra que te cobre,
De teus osos a pás nimguem perturbe.
Deixese ao Tempo revolver a roda:
Tems sempre de ser celebre no mundo,
Sem que a fama de Heitor te fasa sombra,
Sem á dita de Achiles ter inveja.

FIM.

Pascitur in vivis livor: post fata quiescit, Cum sùus ex merito quemque tuetur honos.

Ovid. Am. 1. I. E. 15.